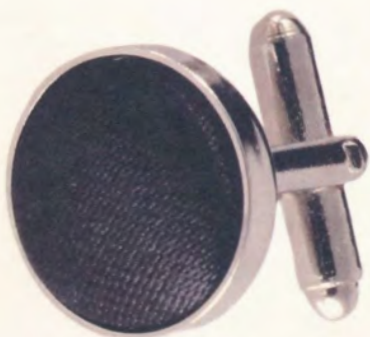




GONÇALO
WADDINGTON
**ALBERTINE,
O CONTINENTE
CELESTE**

TEATRO

ALBERTINE, O CONTINENTE CELESTE

GONÇALO WADDINGTON

ABYSSMO
PALCO

[Em palco, os actores aguardam a entrada do público. Um tríptico, composto por três telas verticais com retratos videográficos em tempo real e em *loop*, está suspenso a uns metros do chão, um pouco recuado em relação ao proscénio. Marcel surge de fato escuro na tela da esquerda; Albertine, de vestido cor-de-rosa, ocupa a tela da direita. Ao centro, dividindo-os, está um relógio. Sobre uma mesa, à esquerda de cena, repousa uma maquete e as respectivas miniaturas parecem apresentar a estranha mistura de uma estância balnear em paisagem rural, com edifício parisiense do século XIX e um serviço de chá. À direita, um cadeirão, em tons claros, onde se senta Albertine. Três linhas de antigas portas de madeira deitadas, contrastando com o negro do chão, dividem o palco em profundidade: a primeira linha está à boca de cena; a segunda fica sob o tríptico; e a última, alguns metros atrás, onde Marcel, segurando um pires com a xícara de chá, aguarda de camisa branca de colarinho alto e mangas arregaçadas, com calças de veludo pretas e descalço. Algumas portas de madeira – sobras das linhas que dividem o palco – estão encostadas ao fundo de cena, servindo de suporte para mais umas quantas peças de roupa.]

ACTO I

[Após as portas fecharem, a imagem do tríptico muda para um Marcel-Whistler por painel: o adolescente, o actual e o envelhecido.]

CENA 1

Standard approach

Marcel

[Fala para o público]

Tudo começou com uma madalena embebida em chá. Quem o souber, ainda bem. Quem não o souber, não fará diferença nenhuma, tendo em conta o que se irá passar aqui, esta noite. Por isso, adiante.

[Marcel pega num pires com uma xícara de chá e uma madalena.]

Standard approach ou *custom approach*?

[Pausa]

Eu, Marcel, hoje, – três vezes Marcel, à luz dos meus diários, para ser exacto – poderei falar como barão de Charlus, também conhecido como Palamède, ou como Swann, por vezes, se me apetecer.

Se souberem quem estes senhores são, melhor. Se não souberem, melhor ainda. Eu falo como quem quiser, porque eu sou todos eles.

Outros poderão aparecer, ficam desde já avisados. Mas sempre Marcel. Sempre.

[Pausa]

Escutem com atenção.

[Pausa]

Se eu, ao provar esta madalena embebida neste chá, me lembro do passado, alicerçado na memória remota de uma outra madalena, embebida noutro chá; será que, na altura em que essa memória se materializava, enquanto provava essa outra madalena, embebida nesse outro chá, me lembrei do que estou a dizer agora?

[Pausa longa]

Standard aproach, portanto.

[Pausa]

Porque é que nos lembramos do passado e não do futuro? Quanto às memórias, já lá vamos. Há que atalhar o tempo. O protocolo exige que o anfitrião, eu – e habituem-se ao eu porque eles vão andar por aí, na minha boca; e nas vossas cabeças, em efígie – dê início a esta *soirée* com o chavão: porque é que nos lembramos do passado e não do futuro?

E habituem-se também à minha maneira de falar. No meu salão, a linguagem, bem como a filosofia e outras mundanidades, é *catalogue raisonnée*.

[Pausa]

Que a questão “porque é que nos lembramos do passado e não do futuro?” vos fique a ressoar nos cérebros, por agora.

[Marcel pousa a chávena de chá no chão.]

E não é chá. É *whisky*. Um Macallan, *fine and rare collection*, de 1922. A madalena é só para me lembrar, ou para não me esquecer, de que foi com um chá, a primeira vez.

CENA 2

O somatório de memórias

Marcel

Lembro-me de, (não necessariamente nesta ordem):

Longos passeios no campo.

Eu, saindo da casa dos meus pais, ou dos meus avós,

Não me recordo bem.

A casa tinha duas portas, ou portões.

Lembro-me de que o meu pai nos fazia sair por um lado da casa e,

Depois dos passeios intermináveis,

Nos fazia entrar pelo outro lado.

O que me dava a sensação de que a pequena aldeia

Se reconfigurava a cada novo passeio.

O ruído de passos no soalho, no andar de baixo, nos dias de festa.

Cada passo, mais um aperto no meu coração.

O beijo da minha mãe que não vinha, ou tardava em vir.

E quando vinha era só para me recordar de

Todas as vezes em que não viera.

E foram muitas mais, acreditem.

(porque é que eu fingia que estava a dormir?)

Swann, o vizinho:

Culto, bonito, bem-falante,

Sedutor, melómano, amante das artes,

Amante de Odette e não amado por ela.

Em ocasiões diferentes tivemos a mesma epifania,

Eu e Swann, na mesma frase musical.

No crescendo da sinfonia de Vinteuil,

Algures numa constelação de notas,
Ele descobriu que amava Odette,
Eu descobri que amava Albertine.
Até que o amor dele por ela acabou, e eles casaram.
O ponto final perfeito para o amor.
Eu não tive a mesma frescura de espírito, infelizmente.
Ele era uma antevisão da minha vida amorosa.
Eu ainda não o sabia, porque, na altura,
Não tinha consciência de que podia lembrar-me do futuro.

Eu, sempre doente, entre febres e constipações.
Em repouso constante.
A minha mãe a obrigar-me a ficar no quarto.
A minha avó a obrigar-me a sair do quarto.

O meu quarto:
De dia, refúgio dos livros abandonados e do pó,
À noite, reino de monstros mutantes,
Filhos das batalhas da luz com a sombra,
Na arena das paredes.

Os meus passeios solitários:
Com a banda sonora a condizer com os *décors*,
Contemplava os jardins, as casas dos vizinhos,
Os bosques, as flores, a igreja.
E o campanário, aquele que já me observava,
Muito antes de eu dar por ele.
(o contemplador também é objecto de contemplação,
Em retorno.)

Aquela vez, em Méséglise, em que vi Gilberte pela primeira vez.
O medo que despontou com o amor que senti por ela. (ou seria
o contrário?)
O amor que me consumiu ao ponto de a assustar e ela passar a
ignorar-me.

Aquelas árvores que um dia quiseram dizer-me alguma coisa,
Mas eu não me dei ao trabalho de as ouvir.
Veneza: um destino que teimava em fugir-me.
A viagem de comboio, com a minha avó,

Até à estância balnear de Balbec.
Os dois acompanhados pelas janelas da nossa carruagem,
Que nos ofereciam as paisagens num tríptico em movimento.

O meu quarto de hotel contíguo ao dela.
Três toques na parede ao acordar, um «estou bem avó».
Três toques de volta, um inconfundível e abafado «ainda bem,
meu passarinho».

A minha avó a descalçar-me as botas para eu fazer a sesta.

Só passado um ano da morte dela é que eu chorei,
Naquele mesmo quarto,
Enquanto descalçava, eu próprio, as minhas botas.

Não sei se chorei por mim,
Por ter deixado passar um ano
Até derramar as lágrimas que ela tanto merecia,
Se chorei por ela,
Que jamais teria querido que eu as derramasse,
Por nenhum dos dois.

A praia de Balbec: os jantares.
O estúdio do pintor Elstir.
Os seus quadros, motivo de chacota da nata da sociedade.
E mais tarde, motivo de disputa da turba endinheirada.

Robert Saint-Loup: a transfiguração mais misteriosa dos meus diários.

Robert Saint-Loup, o atencioso, o companheiro de passeios.
O amigo, o violento, o militar. O cocainómano. O que será marido de Gilberte.

Robert Saint-Loup, o amante de Morel, o violinista roubado ao barão de Charlus.

E o bando irrequieto do areal:
As meninas da praia, o terror dos banhistas,
As raparigas.
As minhas flores.

E entre elas, a mais brilhante de todas:
Albertine.

**ALBERTINE,
O CONTINENTE
CELESTE**

TEXTO E ENCENAÇÃO
Gonçalo Waddington

INTERPRETAÇÃO
Carla Maciel e Tiago Rodrigues

ESPAÇO CÉNICO E DESENHO DE LUZ
Thomas Walgrave

VÍDEO
Mário Melo Costa e
Gonçalo Waddington

ESPAÇO SONORO
Gonçalo Waddington

FIGURINOS
Carla Maciel

FOTOGRAFIA
Mário Melo Costa

PRODUÇÃO
GW

PRODUÇÃO EXECUTIVA
Stage One

CO-PRODUÇÃO
Teatro Nacional São João
e São Luiz Teatro Municipal
Apoio às residências artísticas
Espaço Alcantara e
Espaço do Tempo

ESTREIAS
De 26 de Setembro a 5 de
Outubro de 2014, no TeCa (TNSJ).
10 de a 19 de Outubro de 2014,
no Teatro São Luiz.

*Na palavra abysmo, é a forma
do y que lhe dá profundidade,
escuridão, mistério...*

*Escrevê-la com i latino é fechar
a boca do abysmo, é transformá-lo
numa superfície banal.*
TEIXEIRA DE PASCOAES

EDIÇÃO #33
Lisboa, Março 2015

DESIGN E LOGÓTIPO
CONVIDADO
Elisabete Gomes / Silvadesigners

REVISÃO
Raul Henriques

Composto em caracteres
Tiempos Text
sobre papel Munken
Print White 90 g.
Capa em papel Keaykolour
Snow White 300 g.

TIRAGEM
1000 exemplares

IMPRESSÃO E ACABAMENTO
Europress

DEPÓSITO LEGAL
390461/15

ISBN
978-989-8688-20-0